

Poemas e desenhos de Laura Erber

Laura Erber¹

Poems and drawings by Laura Erber

NERVO, RAPOSA, ZIMBRO



O nervo diz aos olhos que algo foi salvo em uma história de como se rodeada de ciprestes, zimbros, sucessivos cheiros eriçados, figos com damasco, transposição do medo.

Os olhos dizem aos nervos que digam aos ossos que os mortos caminham de costas e os fantasmas de través.

O que remexe este silêncio não é mau, qualquer que seja o seu rumor.

O paladar diz aos lábios que não dizendo nada digam aos olhos que somente os fluidos dizem as tardes como uma história de quase morrer com púrpuras bombeando azul e azul como algo nascendo entre as coxas entre espasmos e vésperas.

1

Laura Erber é escritora, artista visual, professora do departamento de Teoria do Teatro da UNIRIO e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da mesma universidade. Autora dos livros de poesia *Os corpos e os dias* (Editora de Cultura, 2008) finalista do Prêmio Jabuti, *Bénédicte vê o mar* (Editora da Casa, 2011), do romance *Esquilos de Pavlov* (Alfaguara, 2013) e dos infantis *Nadinha de nada* (Companhia das Letrinhas, 2016), *Haikai, o sapo que não sabia* e *O incrível álbum da pulga Picolina*, ambos em parceria com Maria Cristaldi (Peirópolis, 2014). Traduziu recentemente as 23 cartas a um destinatário desconhecido de Ghérasim Luca (Carnaval Press, 2016). Realizou exposições na Fundação Miró, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Centre International D'Art et du Paysage de Vassivière, Jeu de Paume, Le Fresnoy, Maison Européenne de la Photographie, Skive Ny Kunstmuseum, entre outros. Em 2015 criou a editora digital Zazie Edições voltada para teoria e crítica de artes. É colaboradora do blogue do Instituto Moreira Salles e do Suplemento de Pernambuco.

Há uma chance de que estes corpos dormentes digam às imagens que tudo é feito dessa mesma necessidade selvagem de um ajuste de pesos como certos campanários sustentando o equilíbrio da pintura.

A mão dirá ao nervo que diga à pele que diga aos pensamentos que diga à morte que se acalme.

Há uma chance de que os lábios engulam o paladar e os sucessivos cheiros estilhacem os nervos.

Há uma chance de que a história da pintura se confunda com uma raposinha escapando ileso da arapuca no último verso do poema.

